



Contribuições das Empresas Juniores Para a Formação Acadêmica na Visão dos Alunos da UDESC Joinville

Alan Christian Schmitt¹; Rodrigo Gehlen De Marco²; Adelaide Maria Bogo³;
Elisa Henning, Dra.⁴

¹alan.schmitt@udesc.br, DEPS/UDESC, Brasil

²rodrigodemarco@outlook.com, DEPS/UDESC, Brasil

³adelaide.schmitt@udesc.br, DQM/UDESC, Brasil

⁴elisa.henning@udesc.br, DMAT/UDESC, Brasil

Resumo

Existem questões que têm interessado a crítica quanto ao ensino de Engenharia, especialmente os temas relacionados à unidisciplinaridade, à fragmentação de conteúdos e aos novos currículos. Questionam os críticos se a Universidade está atendendo as demandas sociais e de mercado, assim, projetos de extensão como os de Empresas Juniores (EJ) são experiências que tentam resgatar eventuais lacunas entre o ensino tradicional e o mercado. Este estudo empírico elaborado com membros e egressos de EJ do Centro de Ciências Tecnológicas (CCT/UDESC), discute a questão da eficácia deste projeto na formação do discente visto sob a ótica destes acadêmicos. Utilizou-se questionários estruturados e a análise se deu por meio estatística descritiva. Os resultados indicam que, na opinião dos alunos, a participação nas EJ foi fundamental para uma maior aceitabilidade no mercado de trabalho e que projetos desta natureza devem ser incentivados pela instituição de ensino.

Palavras-chave: Ensino de Engenharia, Empresa Júnior, Construção do Conhecimento, Multidisciplinaridade.

Abstract

There are several issues that have concerned critics regarding engineering education, especially those addressing unidisciplinarity, fragmentation of content and new curricula. Critics question whether if the university is meeting social and market demands. Towards those goals, experimental extension projects such as Junior Companies try to fill possible gaps that traditional education might be creating between the academia and the market. The empirical study presented here, drawn from a survey of members and graduates of Junior Companies of the Technological Sciences Center/UDESC, discusses the effectiveness of this project in the formation of the student, seen from the perspective of these students. Data were collected through structured questionnaires and analyzed with descriptive statistics, The results indicate that students who join one of the Junior Companies have greater employment acceptance and that such projects should be encouraged by educational institutions.

Keywords: Engineering Education, Junior Company, Construction of Knowledge, Multidisciplinary.

Resumen

Hay temas que son de interés para los críticos en relación a la educación en Ingeniería, especialmente los temas relacionados con unidisciplinaredad, la fragmentación de contenidos y nuevos planes de estudio. Los críticos se preguntan si la universidad está cumpliendo con las demandas sociales y del mercado, de esta forma, proyectos de extensión como los de Empresas Júnior (EJS) son experiencias que tratan

Histórico do Artigo: Recebido em 2 de setembro de 2015. Aceito em 13 de novembro de 2015.

Publicado online em 22 de dezembro de 2015.

Trabalho originalmente publicado nos anais do XLI Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia (COBENGE), realizado em Gramado-RS e atualizado com o objetivo ser publicado neste periódico.

de rescatar cualquier brecha entre la educación tradicional y el mercado. Este estudio empírico realizado con los miembros y egresados de EJS del Centro de Ciencias Tecnológicas (CCT / UDESC), discute la cuestión de la eficacia de este proyecto en la formación de los estudiantes visto desde la perspectiva de estos eruditos. Se utilizaron cuestionarios estructurados y el análisis se realizó mediante estadística descriptiva. Los resultados indican que, en la opinión de los estudiantes, la participación en EJS fue esencial para una mayor aceptación en el mercado laboral y que proyectos de esa misma naturaleza deben ser incentivados por la Institución.

Palabras claves: Educación en Ingeniería, Empresa Junior, Construcción de Conocimiento, Multidisciplinar.

1. Introdução

O ensino de Engenharia ainda é, na maioria das escolas brasileiras, fragmentado [1], caracterizado por conteúdos dispostos de forma estanque, dividida e separada. Neste sentido, alinha-se ao modelo cartesiano que fragmenta questões complexas em partes simplificadas para o estudo isolado, caminhando na direção de um modelo eminentemente tecnicista [1]. Este modelo sofre críticas [2] que sugerem ruptura com o determinismo científico, com o método cartesiano e o pensamento objetivo. Para Mendes (2008) a realidade não se constitui em um fenômeno simples, mas sim “a noção de pensamento complexo que deve estar na base da pedagogia científica que alimenta a ciência moderna” [2].

De acordo com Silva e Cecílio (2007), o modelo de ensino adotado pelos professores das escolas de Engenharia é gerido essencialmente pelo racionalismo técnico, a teoria apresentada não é contextualizada e os problemas resolvidos em sala de aula estão distantes da realidade. O autor ainda complementa colocando que o modelo adotado é precário para suprir as diferenças entre o que é transmitido e o que é fundamental para esse futuro profissional.

Este tipo de modelo, monodisciplinar, é adotado também na maioria das escolas norte americanas de Engenharia. Entretanto, em algumas delas, a formação multidisciplinar vem ganhando espaço. De acordo com Hotaling *et al.* (2012), os alunos, que durante a graduação tomaram contato com a multidisciplinaridade estão melhor preparados para as competências exigidas pelo mercado e, em média tem uma probabilidade maior de serem empregados em menos tempo quando comparados com egressos do modelo monodisciplinar [3].

No Brasil, a reformulação dos currículos de graduação tem levado à diminuição da carga horária dos cursos para adequação à legislação vigente. Não é diferente na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde as novas grades curriculares implantadas a partir de 2008 exigiram a diminuição de carga horária das disciplinas denominadas Sociais Aplicadas, relacionadas principalmente ao campo do conhecimento da Administração, Economia, Finanças, Relações Humanas, Ética, entre outras. Neste contexto, a Universidade buscando minimizar os impactos advindos dessa carência de competências que farão falta aos futuros Engenheiros, lança mão de projetos de pesquisa e de extensão, entre eles os de Iniciação Científica e os de Empresas Juniores [4].

Outra questão que se coloca é a de que a organização social e, subjacentemente inserido neste contexto, o mundo do trabalho, está em constante mudança. A Universidade de tempos em tempos tem a necessidade de adaptar seus conteúdos e metodologias com o objetivo de modelar-se às novas realidades, em termos de qualidade, empregabilidade, respeito às especificidades e equidade [5]. Instalam-se então reflexões sobre seu papel, desafios e finalidades sociais e institucionais.

A manutenção de projetos como o de Empresas Juniores (EJ), além de possibilitar a interface entre a prática com a utilização de conteúdos teórico-acadêmicos, resgata parcialmente as brechas causadas pela reforma curricular recente [6], permitindo a execução de projetos de caráter multidisciplinar nas áreas da Engenharia, bem como possibilitando o contato dos acadêmicos com áreas ligadas à Administração de Negócios, Gestão de Pessoas, Administração de Conflitos, Planejamento, Mercado, Marketing, Finanças, Análise de Cenários e de Investimentos.

O processo de adaptação da Universidade necessita, entre outras informações, ter um *feedback* dos seus

egressos para poder perceber sua contribuição no processo de formação do discente e respectiva valorização no mercado de trabalho. Neste sentido, com o objetivo de verificar a eficácia do Projeto de Extensão EJ na Formação do Discente, este estudo empírico de natureza quantitativa, busca identificar a contribuição das EJ na formação acadêmica sob a ótica dos alunos. A metodologia de coleta de dados utilizou o questionário estruturado e a análise dos dados fez uso da Estatística Descritiva com os resultados apresentados em gráficos e tabelas. Os alunos responderam ao questionário pela internet. A pesquisa foi realizada com os atuais membros e egressos das Empresas Juniores do Centro de Ciências Tecnológicas (CCT) da UDESC. Os resultados podem contribuir para uma futura decisão de manutenção, ampliação ou mesmo extinção deste tipo de atividade acadêmica complementar ao ensino curricular tradicional, lembrando que para uma maior certeza dos reflexos que esta atividade de extensão proporciona aos alunos, esta amostra única pode ser considerada insuficiente para uma tomada de decisão em nível maior.

Este trabalho está assim estruturado: na Seção 2 descreve-se brevemente o movimento das Empresas Juniores. Na Seção 3 apresentam-se as duas Empresas Juniores do CCT/UDESC. Na Seção 4 estão procedimentos metodológicos empregados e na Seção 5, os resultados e análise destes. Finalizando, na Seção 6 estão as conclusões e considerações finais.

2. Empresas Juniores: Conceitos e Atribuições

O movimento de Empresas Juniores iniciado na França no final da década de 60 cresceu em todo o mundo, chegando ao Brasil no final dos anos 80. Este tipo de projeto tem por objetivo proporcionar aos acadêmicos experiências organizacionais, de mercado, desenvolver competências pessoais e profissionais. Em Joinville chegou em 1996, com a criação da Empresa Júnior Joinville (EJJ).

As Empresas Juniores no Brasil devem constituir-se como associação civil, pessoa jurídica de direito privado, em seu estatuto não poderá ser definido como finalidade gerar receita para a instituição de ensino a que estiver vinculada, seus membros devem ser voluntários e devem constituir-se única e exclusivamente de alunos regularmente matriculados em Instituições de Ensino Superior e no curso de graduação a que a Empresa Júnior estiver vinculada (Confederação Brasileira de Empresas Juniores, 2003).

A Empresa Júnior tem como finalidades:

- Desenvolver profissionalmente as pessoas que compõem o quadro social por meio da vivência empresarial, realizando projetos e serviços na área de atuação do(s) curso(s) de graduação ao(s) qual(is) a Empresa Júnior for vinculada;
- Realizar projetos e/ou serviços preferencialmente para micro e pequenas empresas, e terceiro setor, nacionais, em funcionamento ou em fase de abertura, ou pessoas físicas, visando ao desenvolvimento da sociedade;
- Promover o desenvolvimento técnico e acadêmico de seus associados;
- Incentivar o desenvolvimento econômico e social da comunidade;
- Fomentar o espírito empreendedor de seus associados;
- Proporcionar o contato dos alunos com o mercado de trabalho; e
- Impulsionar o desenvolvimento pessoal e profissional de seus associados.

Pode-se perceber que as exigências para constituir uma Empresa Júnior são parecidas com qualquer outro tipo de empresa diferenciando-se um pouco na sua formação e objetivos. As EJ têm por objetivo ampliar o conhecimento acadêmico e técnico de seus colaboradores por meio da elaboração de projetos que contribuam com o desenvolvimento socioeconômico da comunidade, além de estimular o espírito empreendedor de seus colaboradores, em especial dos discentes que futuramente usufruirão de um extraordinário desenvolvimento de ordem pessoal e profissional [7].

2.1. A Empresa Júnior e o Processo de Formação do Engenheiro

O ambiente em que uma Empresa Júnior está inserida é de natureza complexa, pois apresenta alta rotatividade de seus membros, encontra-se fisicamente instalada em um ambiente acadêmico, seus membros são alunos de graduação que se encontram intensivamente em processo de aprendizagem e suas relações acontecem com agentes do ambiente acadêmico e de mercado [4]. Nestas relações, os alunos identificam problemas concretos, em seguida são analisados por uma equipe multidisciplinar para que esta encontre as soluções. Estas vivências proporcionam aos estudantes as experiências necessárias para o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais.

Neste processo de aprendizagem insere-se a preocupação com o cognitivo, em específico o cognitivo situado [8], assim, práticas pedagógicas são utilizadas de forma circunscrita a fim de permitir aos alunos criarem conhecimentos a partir de suas próprias experiências. O contato direto com pesquisas e projetos diversos da Universidade possibilita às EJ o fornecimento de serviços de qualidade, contemplando internamente a necessidade de interação Universidade-Sector Produtivo, atendendo a interesses de três partes: da Universidade, ao ter seus conhecimentos aplicados; do Sector de Produtos e Serviços, ao ter ao seu alcance produtos de qualidade proporcionados pelo conhecimento nos avanços da ciência; e dos estudantes, ao aplicar os conhecimentos teóricos e se prepararem para o mercado de trabalho [9].

No tocante à condição referente à Educação, além do Sistema Educacional Brasileiro não preparar para o Empreendedorismo, destaca-se a precariedade da Educação Básica no país. Desse modo, o potencial empreendedor do brasileiro é desperdiçado, pois as pessoas não conseguem enxergar a educação formal como fator essencial para a abertura e administração do negócio. E, somado a isso, os empreendedores que buscam educação formal não conseguem a capacitação necessária por falhas no próprio ensino que, na maioria das vezes, apenas apresenta as ferramentas gerenciais, mas não ensina de que forma essas ferramentas podem ser aplicadas na prática e quais são os benefícios que essa aplicação pode trazer para o empreendedor e seu negócio [10].

Assim sendo, as EJ desenvolvem características empreendedoras nos seus membros, tais como: iniciativa, autoaprendizagem, criatividade, coragem de enfrentar riscos e percepções das oportunidades. O sucesso deste tipo de organização depende, principalmente, da iniciativa dos seus membros para que os trabalhos sejam realizados e se manter no mercado, oportunizando as variadas formas de desenvolvimento profissional e acadêmico. A liderança nestas organizações é incentivada, acompanhada e orientada, cada membro que assume uma posição de destaque possui responsabilidades perante todo o grupo e esforça-se para desempenhá-la da melhor forma possível. O respeito à liderança é devido ao fato da hierarquia instituída nestas organizações, tais como: presidente e diretores que são eleitos para tal função.

Acredita-se que a Empresa Júnior é uma complementação da sala de aula que, além de proporcionar a vivência em projetos técnicos e desenvolver comportamentos humanos, também efetiva contatos com empreendimentos que podem ser futuros empregos, assim como geram contato com empreendedores de sucesso que estimulam a iniciativa e coragem de iniciar novos empreendimentos [11].

Um provérbio chinês pode ser utilizado para explicar o pensamento de uma Empresa Júnior, ou seja, “O que eu ouço, eu esqueço, o que eu leio eu relembro e o que eu faço, eu entendo” [12]. Este provérbio permite entender que a essência de uma Empresa Júnior está no aprendizado do aluno e que o método didático utilizado é o de aprender fazendo onde o aluno assume níveis crescentes de independência e responsabilidade [13]. Neste sentido, as ações de planejar, organizar e realizar são construídas pelos próprios alunos.

Na Empresa Júnior a multidisciplinaridade adotada como metodologia de ensino corresponde à busca da integração de conhecimentos por meio do estudo de um objeto de uma mesma e, única disciplina, ou por várias delas ao mesmo tempo [14]. Permite aos alunos integrar a teoria à prática dentro de sua área de conhecimento e com outras áreas de conhecimento [3] [15].

2.2. A Empresa Júnior Joinville e a SMART Consultoria

No CCT/UEDESC funcionam duas Empresas Juniores, com características distintas. A primeira, criada em 1996 é a Empresa Júnior Joinville (EJJ), uma empresa politécnica que atua realizando projetos e consultorias nas áreas de Ciência da Computação, Engenharia Mecânica, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica

e Engenharia de Produção e Sistemas [6]. Sua principal característica é a multidisciplinaridade, pois na EJJ estão compreendidos os conhecimentos das disciplinas pertinentes a cada uma das ciências que a compõe. Conta atualmente com 20 membros e 20 trainees que são incorporados semestralmente através de processos seletivos. Sua estrutura orgânica é composta pela presidência e cinco diretorias, sendo a Diretoria de Projetos dividida em sete núcleos compostos por membros das diversas áreas do conhecimento que trabalham de acordo com as demandas de projeto de forma integrada e multidisciplinar. A Figura 1 apresenta o organograma da EJJ.

Em relação aos eventos, a EJJ foi parceira da Associação Empresarial de Joinville (ACIJ) na divulgação do Feirão do Imposto 2012, evento que faz parte do Movimento Brasil Eficiente, que busca melhorar a distribuição da renda coletada através de impostos no Brasil. Os dois eventos de maior inserção da EJJ são o *For Leadership* e o *InFocus*. O *For Leadership* compõe-se de palestras e um desafio empresarial proposto a universitários de Joinville e no ano de 2012 atingiu um público de 198 pessoas. O *InFocus* corresponde a uma série de palestras relacionadas ao movimento Empresa Júnior. Quanto aos projetos, no ano de 2012 a EJJ teve um total de dezoito projetos possíveis, sendo que em doze deles foram apresentados oficialmente. Destes, três foram concluídos, seis estão em execução e três foram recusados pelo cliente.

A segunda EJ denomina-se SMART Consultoria, estando vinculada ao Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas do Centro de Ciências Tecnológicas da UDESC. Atua na consultoria em empresas privadas no norte de Santa Catarina, nas áreas da Qualidade e da Gestão de Processos Fabris. A gestão do próprio negócio é que dá ao projeto de extensão um caráter multidisciplinar, na medida em que os acadêmicos tomam contato com áreas como o Planejamento, Orçamento Anual, Gestão de Pessoas, Administração de Conflitos, Marketing e Vendas, Gestão da Informação e Contabilidade.

A SMART consultoria foi efetivamente criada em 2006, pelo fato de não haverem tantas oportunidades dentro da Universidade para desenvolvimento de projetos pelos alunos. Atualmente conta com vinte membros e quatorze *trainees* (além destes, outros cinquenta e oito estudantes já passaram pela Empresa Júnior) e procura impactar na sociedade por meio de consultorias de baixo custo na indústria local. Esta EJ firmou no mês de abril de 2013 um contrato com uma importante empresa de metais sanitários, na qual foi realizado um Sistema de Troca Rápida de Ferramentas em uma máquina. Seus membros estão dispostos em cinco áreas: Presidência, Jurídico-financeiro, Gestão de Pessoas, Marketing e Projetos. Além dessas áreas, a empresa possui dois conselhos: Fiscal e Administrativo. O organograma pode ser visualizado na Figura 2.

3. Materiais e Métodos

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa aplicada e de abordagem quantitativa. Para atribuir um caráter quantitativo à importância das Empresas Juniores, foi realizada uma análise exploratória de dados através de uma pesquisa com oitenta e nove integrantes (atuais e egressos) das Empresas Juniores da UDESC-CCT (SMART Consultoria Júnior e EJJ – Empresa Júnior Joinville) caracterizando uma amostra não probabilística. A coleta de dados foi feita por meio de um questionário *online* composto de cinco perguntas com escala nominal de resposta, e um espaço para comentários, utilizando a ferramenta Google Docs (Google Inc.). O questionário foi enviado aos estudantes através da rede social Facebook, sem identificação do respondente e sem distinção entre membros de EJ diferentes. Para a análise dos dados foi aplicada a Estatística Descritiva, com tabelas e gráficos. O questionário aplicado está no Quadro 1.

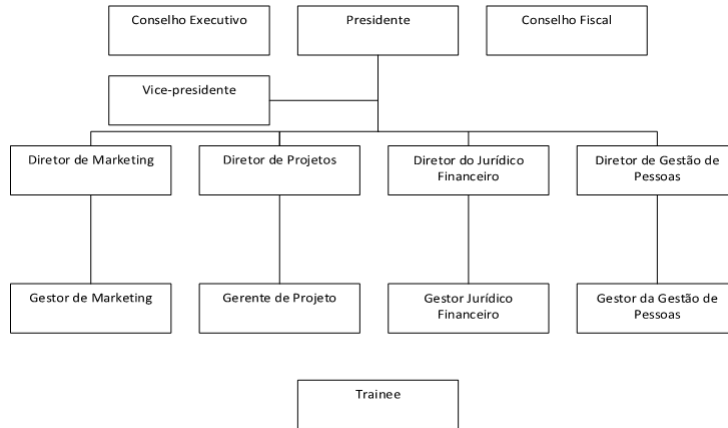


Figura 1. Organograma da EJJ.

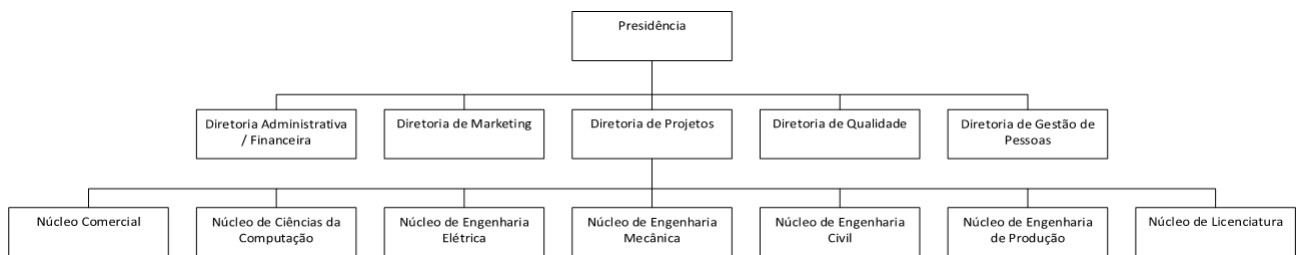


Figura 2. Organograma da SMART Consultoria Júnior.

Quadro 1. Questionário aplicado.

- 1) Você recomendaria a participação em uma Empresa Júnior para os alunos da UDESC?
 - Sim.
 - Não.
- 2) Se sim, qual a melhor época para ingressar na Empresa Júnior?
 - Início da vida acadêmica.
 - Meio da vida acadêmica.
 - Fim da vida acadêmica.
 - Indiferente.
- 3) Com relação ao conhecimento adquirido por você na Empresa Júnior...
 - Não aprendi nada novo.
 - Aprendi pouca coisa.
 - Aprendi o que esperava.
 - Aprendi mais do que esperava; superou minhas expectativas.
- 4) Como você classifica a importância de passar pela Empresa Júnior para obtenção de um estágio/emprego?
 - Não faz diferença.
 - Faz pouca diferença.
 - Faz bastante diferença.
 - Participar da Empresa Júnior é fator decisivo na obtenção de estágio/emprego.
- 5) Como a Empresa Júnior lhe foi útil na questão de conseguir contatos estratégicos (*Networking*)?
 - Não adquiri nenhum contato.
 - Adquiri contatos, mas não estão sendo úteis no momento e não vejo utilidade neles no futuro.
 - Adquiri contatos e, apesar de não estarem sendo úteis no momento, acredito que serão úteis no futuro.
 - Adquiri contatos e já estou me beneficiando dos mesmos.

4. Resultados e Análise

Os resultados trazem informações positivas sobre a percepção da participação dos alunos nas EJ. Para a grande maioria dos discentes, ou seja, 99% dos alunos recomendam a participação em EJ para os estudantes, conforme apresentado na Tabela 1.

Quanto à época de ingresso, mais de 50% das respostas apontaram como sendo o início da vida acadêmica como a mais adequada para participar das EJ, de acordo com a Tabela 2.

Com relação ao conhecimento adquirido, quase a totalidade mencionam que houve aprendizado superior às expectativas iniciais, ou seja, 86,52% das respostas. Apenas dois alunos (2,25%) colocaram que aprenderam pouco na EJ, conforme mostrado na Tabela 3. A grande maioria dos alunos, cerca de 75%, considera que participar de uma EJ faz muita diferença na hora de conseguir estágio ou emprego. Para 24% dos entrevistados, participar da EJ foi um fator decisivo na obtenção de estágio, ou mesmo do emprego.

Tabela 1. Frequências relativas da opinião dos alunos quanto à recomendar a participação em EJ.

Recomenda a participação em uma EJJ	Sim	Não	Não sei	Total
Porcentagem (%)	99	0	1	100

Tabela 2. Frequência relativa das respostas dos alunos sobre a melhor época na vida acadêmica para ingressar numa EJ.

Qual a melhor época para ingresso	%
Início da vida acadêmica	53
Durante	20
Ao final do curso	0
Indiferente	27
Total	100

Tabela 3. Frequência relativa da opinião dos alunos quanto ao conhecimento adquirido na EJ.

Opinião dos alunos quanto ao conhecimento adquirido na EJ	%
Aprendi mais do que esperava; superou minhas expectativas	86,52
Aprendi o que esperava	11,24
Aprendi pouca coisa	2,25
Não aprendi nada novo	0,00
Total	100

A pesquisa também revelou que ao participarem das EJ do CCT/UDESC, os acadêmicos fizeram uma rede de contatos (*networking*), que para 31% dos entrevistados já trouxe alguns benefícios e para 64% dos participantes acreditam que estes contatos serão úteis e relevantes no seu futuro profissional.

Houve também grande *feedback* por parte dos entrevistados na área reservada para comentários. Depoimentos de sucesso predominaram, sobretudo de incentivo à prática do Empreendedorismo. Entretanto, para os estudantes é necessário maior apoio por parte de professores e da própria instituição, que ainda vê com ressalvas o trabalho destas.

Para complementar, transcreve-se no Quadro 2 alguns comentários dos alunos, onde pode-se perceber que participar de uma EJ foi uma atividade que contribuiu efetivamente para o processo de formação profissional.

Quadro 2. Alguns comentários selecionados sobre a participação nas EJ do CCT/UDESC.

“O fato de o acadêmico liderar equipes e ter autonomia ao resolver situações no dia a dia da empresa, tomando para si uma responsabilidade real, faz com que a preparação para o mercado de trabalho se torne mais ampla e menos assustadora.”

“E foi graças a uma Empresa Júnior que eu pude aprender o que é o curso pelo qual optei e como posso me realizar com ele.”

“... por estimular duas habilidades fundamentais para a vida profissional de um Engenheiro como: empreender e liderar. Os cursos de Engenharia não proporcionam tal aperfeiçoamento durante a vida acadêmica, portanto, a participação neste Movimento é uma excelente opção.”

“Acredito que a Empresa Júnior auxilia ao estudante na transição da vida de estudante para a vida profissional, encarando as dificuldades e buscando soluções, e ainda mais valor no quesito interpessoal.”

“... minha primeira experiência quanto a trabalho, fez que eu começasse a me interessar pelos negócios e empreendedorismo...”

“... cria uma visão gerencial e um senso de importância para as matérias ao longo do curso, pois o participante acaba tendo contato com questões gerenciais e estratégicas desde cedo, mudando sua forma de pensar e absorvendo o curso com maior interesse e entusiasmo. *Networking* e oratória: o perfil do participante tende a mudar...”

“Foi através da Empresa Júnior que obtive meus primeiros treinamentos sobre *Lean* e onde pude coordenar meu primeiro *Kaizen*, o que futuramente acabou me rendendo um estágio e até a efetivação no meu atual emprego.”

5. Conclusões

Consoante o exposto, é possível perceber a importância que as empresas júniores representaram na vida acadêmica dos entrevistados dada a quase unanimidade de respostas positivas. Na visão dos acadêmicos participantes das EJ do CCT/UDESC e seus egressos, os projetos de extensão resgataram parcialmente algumas deficiências na formação discente, relacionadas aos conteúdos das áreas de Administração e Empreendedorismo, por ora subtraídos dos currículos acadêmicos atuais. Os alunos e egressos consideram importante o desenvolvimento destas competências como diferenciais na formação de futuros Engenheiros refletida em vantagem competitiva na hora de apresentarem-se ao mercado.

Os projetos possibilitam aos acadêmicos contatos antecipados com ambientes corporativos, bem como as vivências que estes mercados proporcionam. Essas experiências melhoraram o que se entende por empregabilidade, criando condições aos alunos de serem futuros empregados, ou mesmo futuros empreendedores. Outra questão relevante apontada no estudo foi a construção de redes de relacionamentos profissionais (*networking*) que a participação em EJ ofereceu. Em alguns casos, este *networking* já está sendo útil e na visão de uma grande maioria dos entrevistados, poderá ser capitalizada no futuro. Além disso, o trabalho prático em grupo multidisciplinar permitiu a integração de conteúdos acadêmicos os quais são trabalhados isoladamente em sala de aula.

Esse estudo, entretanto, não esgota o assunto podendo vir a ser expandido em outras oportunidades em relação às questões subjacentes possibilitadas pelos ambientes existentes nas EJ, tais como o desenvolvimento de Liderança, de Pensamento Estratégico, Motivação, Gestão de Pessoas e Gestão da Inovação.

Referências

- [1] F. de M. S. Alves and J. N. Reinert, “Percepção dos Coordenadores dos Cursos de Graduação da UFSC Sobre a Multidisciplinaridade”, *Revista da Avaliação da Educação Superior*, v. 12, pp. 685–702. 2007.
- [2] D. Mendes, “A pedagogia científica de Bachelard: uma reflexão a favor da qualidade da prática e da pesquisa docente”, *Educação e Pesquisa*, v. 34, n. 2, pp. 361–370. 2008.

- [3] N. Hotaling, B. B. Fasse, L. F. Bost, C. D. Hermann, and G. R. Forest, “A Quantitative Analysis of the Effects of a Multidisciplinary Engineering Capstone Design Course”, *The Research Journal for Engineering Education*, v. 101, n. 4, pp. 630–656. 2012.
- [4] D. Ziliotto and A. Berti, “A Aprendizagem do Aluno Inserido em Empresa Júnior”, *Revista Conexão UEPG*, pp. 210–217. 2012.
- [5] M. C. Morosini, “Qualidade da educação universitária: isomorfismo , diversidade e equidade”, *Interface - Comunicação Saúde, Educação*. [Periódico revisado por pares], v. 5, pp. 89–102. 2001.
- [6] Portal da Empresa Júnior Joinville Consultoria e Projetos. Disponível em: <<http://www2.joinville.udesc.br/ejj/>>. Acesso em: 18 dez. 2015
- [7] M. M. Maciel, E. T. Barbosa, and M. N. Filho, “Do Conhecimento Acadêmico às Práticas Empresariais: O Caso da Empresa Júnior de Administração da UFPB”, in *X Encontro de Iniciação à Docência*, n. 1. 2008.
- [8] R. G. de Oliveira and C. A. G. Di Giorgi, “Princípios da cognição situada e as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores”, *Educação (Porto Alegre) - PUCRS* v. 34, n. 3, pp. 360–368. 2011.
- [9] R. dos Santos, “Competências Profissionais em Alunos de Engenharia: Estudo de Empresa Júnior como Ferramenta de Integração Teoria-Prática”, *Revista Lugares de Educação*, pp. 3–13. 2012.
- [10] C. Araújo, S. M. Wolf, and T. V. A. Ribeiro, “Empreendedorismo e Educação Empreendedora: Confrontação Entre a Teoria e a Prática”, *Revista de Ciências da Administração*, v. 8, pp. 09–29. 2006.
- [11] S. M. Lewinski, L. A. Pilatti, J. L. Kovalski, and A. C. Frasson, “Contribuição da Empresa Júnior para desenvolvimento das competências necessárias a formação de Engenheiros de Produção”, in *XVI Simpósio de Engenharia de Produção*, pp. 1–12. 2009.
- [12] A. S. Dederichs, D. Ph, J. Karlshoj, and K. Hertz, “Multidisciplinary Teaching: Engineering Course in Advanced Building Design”, *Journal of Professional Issues in Engineering Education and Practice*, v. 137, n. 1, pp. 12–19. 2011.
- [13] A. Y. Gaser, C. B. Hall, J. I. Uribe, and M. P. Fried, “The Effects of Previously Acquired Skills and Sinus Surgery Simulator Performance”, *Otolaryngology - Head and Neck Surgery*, v. 133, pp. 525–530. 2005.
- [14] B. Nicolescu, M. E. Rosenberg, M. Random, P. Galvani, P. Paul, and M. F. De Mello, *Educação e Transdisciplinaridade II*. São Paulo: TRIOM, 2002.
- [15] J. J. Márquez, M. L. Martínez, G. Romero, J. M. Pérez, M. Engineering, E. T. S. I. I. U. Politécnica, M. Upm, and C. J. Gutiérrez, “New Methodology for Integrating Teams into Multidisciplinary Project Based Learning”, *International Journal of Engineering Education*, v. 27. 2011.